

UNIDOS POR UMA CANÇÃO DO ZECA

José Jorge Letria

Escritor, jornalista, ex cantor e presidente da
Sociedade Portuguesa de Autores



Entidade promotora:



Financiamento



Os Fundos Europeus mais próximos de si.

Havia uma canção e outra canção, havia muitos lugares para cantar, mas havia também o medo de se ser preso e agredido, porque, à frente de todos, existia um muro negro cercado de arame farpado e polícias de carro e a cavalo que diziam quem podia e quem não podia cantar.

Eram muito poucos os que cantavam e muitos mais os que queriam ouvir cantar porque precisavam que lhes dissessem que a guerra em África iria acabar e que a censura deixaria de os atormentar com os seus cortes cruéis, constantes e sem sentido.

As canções não podiam ser cantadas na rádio e na televisão porque representavam acusações pesadas e permanentes contra quem mandava.

Os que cantavam, mesmo sabendo que era limitado o seu poder, não desistiam de cantar e dizer que a razão que defendiam iria um dia conquistar as praças, os bairros, as fábricas e as escolas, onde havia muita gente pronta para cantar e para juntar muitos outros à volta das canções e do que elas propunham.

-Que força temos nós para sair deste cerco se eles têm armas,

prisões e penas pesadas para nos fazerem cumprir?

Ninguém queria mandar nos que faziam e cantavam as canções, mas havia, no meio de todos, alguém que era sem dúvida o melhor de todos a escrever canções e a cantá-las.

Ele tinha nascido em Aveiro, filho de um juiz que muito viajou em trabalho pelas colónias portuguesas em África. Mas ele não queria mandar em ninguém, nem ser, no topo, o chefe dos donos das canções, que só eram protegidas por terem direitos de autor.

Ele jogava bem a bola, gostava de praticar judo e de cantar, não já os fados da sua juventude de estudante, mas as canções que ele próprio criara. Chamava-se José Afonso, mas todos lhe chamavam, apenas e carinhosamente Zeca, por ser uma maneira de dizerem que ele era dos nossos e que as suas canções eram capazes de resumir e de espalhar as inquietações e os combates que a vida tornou inadiáveis. Assim, quem fazia as canções ia-se juntando à sua volta e cantando com ele e com muitos outros, incluindo os que eram enviados para Angola, Guiné e Moçambique em barcos

sem escala e em aviões que, por vezes os traziam sem vida até às terras de onde tinham partido, sem saberem a certo onde eram as terras onde iriam combater.

O Zeca, mais do que um chefe, era um amigo, um símbolo e o grande cantor poeta que todos muito admiravam.

Apesar de não haver liberdade para ninguém, eles continuavam a cantar sem medo em toda a parte, desde os centros paroquiais, às escolas e às fábricas, sabendo que no final podiam ser levados para a prisão de Caxias e serem torturados e humilhados, com a punição física e a tortura do sono.

O Zeca, que fora dar aulas para Moçambique, continuava a escrever e a cantar as suas canções, sendo muito pouco o dinheiro que tinha para viver com Zélia, a sua mulher, e com os filhos.

Em todos os lugares as pessoas sabiam de cor canções como “os Vampiros”, “Traz Outro Amigo Também e” e “O que Faz Falta”, canções que enfureciam os pides e quem mandava neles, desde Salazar a Marcello Caetano.

O Zeca esteve preso em Caxias, mas os outros cantores tudo fizeram para que ele fosse libertado. Na prisão ele escreveu canções como “Era um Redondo Vocábulo”, mesmo sem ter viola para se acompanhar nem ninguém que fizesse coro ele.

Estava proibido de dar aulas e suas entrevistas nos jornais e revistas eram todas cortadas.

Os outros que cantavam perguntavam sempre: “como nos vamos organizar, quem dirigirá a força que temos e que nos torna capazes de derrubar o muro que nos cerca e nos impede de ir para o estrangeiro?”

Todos falavam sempre no Zeca, mas ele não, não queria ser chefe de nenhuma organização. Cantava e fazia com que sentíssemos a alegria de cantar com ele. Era pouco, mas era o fundamental, porque ele transformava em canções tudo o que afligia e atormentava os portugueses. Por isso fez canções sobre a morte de Catarina Eufémia, assassinada pela GNR, no Alentejo, em Baleizão e sobre José Dias Coelho, pintor e escultor comunista assassinado a tiro, numa rua de Alcântara,

quando vivia na clandestinidade com uma pintora também clandestina chamada Margarida Tengarrinha.

Os autores das canções não tinham quem os comandasse e dirigisse, a não ser o facto de serem de esquerda, mas faziam destes factos tristes e trágicos o cimento que os unia e renovava todos os dias as suas forças. Em Portugal, houve quem não suportasse mais a brutalidade da ditadura e decidiu partir para um país onde houvesse liberdade de expressão.

Foi assim que José Mário Branco, natural do Porto, e Luís Cília, nascido em Angola, decidiram partir para Paris, onde continuaram a construir as suas obras.

Na capital de França, José Mário gravou Lps históricos de Sérgio Godinho, que, entretanto, a eles se juntara, dele mesmo, inspirado por versos geniais de Camões, que já falavam da mudança que viria a acontecer. E gravou também com o título “Até ao Pescoço “, o primeiro LP daquele que agora vos conta esta história, 50 anos depois do triunfo militar e político do 25 de Abril.

Aqui em Portugal, mesmo sem terem quem os

comandasse, os cantores iam-se juntando à volta de novas canções e sempre em novos locais, onde havia quem os quisesse ter presentes para poderem ver finalmente derrubado o muro de chumbo e silêncio que os cercava. Paris tinha nessa altura cerca de um milhão de portugueses emigrados.

E regressamos agora ao tema do comando do grupo de cantores, que tinham talento e ideias sobre o futuro mas não dispunham de uma associação que os unisse e organizasse.

Um dia, em 1964, Zeca Afonso foi convidado para ir cantar à Sociedade Operária Grandolense e ali, como homenagem ao associativismo popular, estreou uma canção intitulada “Grândola, Vila Morena”, que viria anos depois no Coliseu dos Recreios, em 29 de Março de 1974, a ser o cimento cantante que unia e mobilizava todos os cantores proibidos e perseguidos.

Depois, já com outros apoios e outras vozes, Zeca Afonso voltou a cantar a canção em Santiago de Compostela, para milhares de estudantes em greve, que fizeram dessa canção uma espécie de hino

contra a ditadura franquista, que prendia e assassinava alguns deles.

Desta maneira, sem gabinetes, sem máquinas de escrever e sem vozes de comando, a canção foi percorrendo um caminho cada vez mais extenso, até que na noite de 29 de março de 1974 conseguiu juntar muitos milhares de pessoas no coliseu dos Recreios , em Lisboa, tornando-se o símbolo cantado que viria a tornar-se a senha do MFA para libertar Portugal na madrugada sempre triunfante de 25 de Abril de 1974 em que foi palavra de ordem para os militares revoltosos e também símbolo associativo de um grupo de cantores que nunca mais deixou de cantar em nome de Abril e dos seus ideais, depois de verem libertados os presos políticosacantonados nas células húmidas e arrepiantes de Caxias e Peniche. Tudo isto aconteceu com a música do “Grândola” em fundo.

Eu sabia que a canção fora escolhida para senha de comando do levantamento militar, mas nada podia dizer a Zeca Afonso, por ser um segredo conspirativo que jurara proteger e defender. O abraço que nos juntou, logo a seguir à queda do regime de Salazar e Caetano, foi o novo cimento e uma unidade que agora nos juntava para expandir a

liberdade, dar a terra a quem a trabalha e evitar que os portugueses continuassem a ser roubados pelos bancos e pelas multinacionais.

Era essa, agora, a associação sem nome que nos juntava e que depois deu origem a duas cooperativas: a “Cantar abril”, que juntava nomes como Carlos Paredes, Adriano Correia de Oliveira, Eu mesmo, Manuel Freire e José Barata Moura, entre muitos outros e a “Era Nova”, que era a base de trabalho musical e popular com Zeca Afonso, Vitorino Salomé Sérgio Godinho e alguns outros.

Abril e o “Grândola”, sem voz de comando tinham-nos juntado numa associação poderosa que viria a mudar a vida de Portugal e a permitir o regresso de milhares de militares das colónias que entretanto se tornaram países independentes.

Tal como as formigas e as abelhas, no seu anónimo trabalho de todos os dias e todas as horas, os autores e intérpretes das canções não precisaram de ter comando vocal ou escrito para se juntarem e trabalharem pelo fim da ditadura, operando este milagre único: o muro de silêncio e medo que os cercava foi

derrubado como o de Berlim, anos mais tarde pela força poderosa e imparável das ideias, das vozes unidas e das canções. Este é um exemplo que vos deixo, porque o vivi e o sofri e que vos pode ser útil ao longo das vossas vidas, se possível com menos telemóveis, mais poemas de mais canções libertadoras.

UNIDOS POR UMA CANÇÃO DO ZECA

José Jorge Letria

Escritor, jornalista, ex cantor e presidente da
Sociedade Portuguesa de Autores